

# A Revolução dos Cravos revisitada em *Os memoráveis*, de Lídia Jorge

José Fornos\* 

## Introdução

O romance *Os memoráveis*, de Lídia Jorge (2014), é assinalado pela presença das categorias memória e história que constituem um traço marcante na produção literária da escritora portuguesa. A narrativa recorre, de maneira peculiar, a um evento central na vida nacional portuguesa do século XX: a Revolução dos Cravos, episódio ocorrido no dia 25 de Abril de 1974, que destituiu quase cinquenta anos do regime autoritário em Portugal. É em torno de tal acontecimento que a trama se desenrola, procurando remontá-lo por meio dos testemunhos das personagens que participaram ou acompanharam tal período. Desta maneira, o presente texto dá ênfase a tais testemunhos que expressam, através da estrutura narrativa, exemplos significativos das complexas relações entre memória, história e esquecimento.

No decorrer do seu estudo *A memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricoeur (2007) se propõe a discutir as aporias da história, da memória e do esquecimento. Um dos postulados do filósofo francês é compreender e oferecer “solução ao problema das relações entre o conhecimento e a prática da história e a experiência da memória viva” (RICOEUR, 2007, p. 146). O autor chama a atenção para a importância da memória. Ainda que a operação historiográfica se constitua em tarefa necessária na ampliação, complementação, correção, e até mesmo na refutação dos testemunhos orais e dos rastros memorialísticos, a memória aparece como guardiã última do que Ricoeur menciona de “dialética constitutiva da preteridade do passado” (RICOEUR, 2007, p. 505). Se dos acontecimentos não mais existentes, assinalados pela abolição, pode-se dizer que de fato estão acabados e ultrapassados, de outro modo, não se pode escapar de que tenham ocorridos, tomados pela ideia do *tendo-sido*, isto é, por trazerem em si um caráter originário e indestrutível. Com efeito, o filósofo aponta que “a história encarrega-se dos mortos de antigamente de quem somos herdeiros” (RICOEUR, 2007, p. 505). Dessa forma, “a operação histórica por inteiro pode então ser considerada como um ato de sepultamento. Não um lugar, um cemitério, simples depósito de ossadas, mas um ato renovado de sepultamento” (RICOEUR, 2007, p. 506). Tal sepultura escriturária ampliaria no plano da história o trabalho de memória e o trabalho de luto.

O romance divide-se em três partes. A primeira, intitulada *A fábula*, narra o convite, efetuado por um ex-embaixador norte-americano e seu sobrinho Robert Peterson, à jornalista portuguesa Ana Maria Machado para que esta integre um projeto que visa à apresentação de episódios referentes ao evento do 25 de Abril através de entrevistas com participantes da revolução. A exposição dos argumentos do

---

\* Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4257-4892>. E-mail: [jlgf@vetorial.net](mailto:jlgf@vetorial.net)

ex-embaixador que estivera em Portugal durante o período revolucionário, é posta em questão pela jornalista. Em tal passagem, a jovem pergunta-se acerca das intenções do padrinho de Bob Peterson, tentando encontrar razões para o apoio a tal trabalho. Ao procurar convencê-la, o ex-embaixador expõe alguns argumentos, com destaque para a seguinte reflexão:

Sejamos francos, Ana Maria Machado. Repare que em breve ninguém mais se lembrará do significado do som desses passos de que você também não se lembra. Eu sei que para si tudo isso aconteceu há muito tempo, antes de você ter nascido, antes do princípio do mundo, do seu mundo, mas ainda assim, vale a pena pensar no assunto. É que há em tudo isto alguma coisa que não bate certo. Não vê como a memória do horrível perdura, e como a lembrança dos momentos de graça tão depressa se apaga? (JORGE, 2014, p. 23)

Nas declarações acima, percebe-se a referência ao tema da memória e sua importância no resgate do passado, a fim de que a mesma receba atenção adequada. O ex-embaixador utiliza expressões que exemplificam momentos importantes da Revolução ao mencionar a frase “se lembrará do significado do som desses passos”, se referindo à marcha dos soldados em direção ao palácio do governo, representada no início da música *Grândola, Vila Morena*, de autoria de Zeca Afonso, que servira de sinal para a imediata ação dos capitães de abril.

A segunda parte, intitulada *Viagem ao coração da fábula*, traz os testemunhos, através de entrevistas, daqueles que, 30 anos antes, desempenharam algum papel na Revolução dos Cravos. Ao todo, são oito entrevistados, sendo que um deles se recusa a gravar. Simultaneamente ao trabalho exercido, Ana relembra passagens da infância que informam conflitos familiares. Ao tomar conhecimento da atual situação do pai, decide permanecer por mais tempo em Portugal.

O uso de uma fotografia guardada pelo pai é o ponto de partida encontrado por Ana. É por meio dela que a jornalista convoca o passado. Ao ser exposta aos entrevistados, a fotografia gera reações variadas. Tirada num restaurante conhecido por *Memories*, em 21 de agosto de 1975, em Lisboa, durante um jantar, a foto apresenta as personagens que tiveram participação na Revolução dos Cravos. Para a colaboração do projeto, Ana convida Miguel Ângelo e Margarida Lota, dois ex-colegas de faculdade que, atualmente, não ocupam empregos regulares.

Já a terceira parte, intitulada *Argumento*, traduz o roteiro a ser apresentado a Robert Peterson, proponente do projeto. Imagens são delineadas. Pequenos trechos dos entrevistados são sugeridos, uma vez que que o documentário deve conter no máximo 55 minutos de duração. O grupo possui mais de 300 minutos de gravação.

## O percurso memorialístico da jornalista Ana Maria Machado

O trabalho de memória sobre a Revolução dos Cravos é acolhido pela jornalista portuguesa Ana Maria Machado. É por meio do projeto intitulado *A História Acordada*, que pretende, através de um documentário, visitar um momento crucial na vida dos portugueses. Assim, Ana retorna a Portugal depois de alguns anos ausente.

O retorno de Ana Machado é uma espécie de ajuste de contas. Para a jovem, a volta ao seu país de origem implica um trabalho de luto e o enfrentamento dos fantasmas de infância, emoldurados nas figuras do pai António Machado, um jornalista anti-salazarista, e da mãe, uma atriz belga que partira de Portugal após a revolução. O projeto, portanto, possibilita promover o reencontro. Como seu pai, também a filha segue na profissão, trabalhando numa rede norte-americana de televisão, acompanhando a cobertura da guerra no Oriente Médio, dedicando-se a cobrir os conflitos na região.<sup>1</sup>

Do ponto de vista paterno, a opção profissional de Ana funciona inconscientemente como uma transferência de objetos em que a morte prevalece sobre o afeto amoroso. Ao mencionar que o pai “fora um profeta em relação ao mundo, por outro lado, fora um cego em relação a si mesmo” (JORGE, 2014, p. 324), Ana pode igualmente ser enquadrada na mesma ideia, ao optar, em seu percurso de jornalista, pelos desafios da guerra, não conseguindo, todavia, lidar com seus medos internos, vinculada a um passado indigesto.<sup>2</sup> A vinda a Portugal representa uma espécie do retorno do recalcado em que o trabalho de rememoração auxilia na superação dos dramas e traumas infantis.

O regresso ao país possibilita a revisitação de um fato histórico do qual tomara conhecimento somente através dos relatos do pai e de seus amigos. Paradoxalmente, interroga-se acerca da validade de se debruçar a respeito de tal assunto. Numa das passagens quando observa os registros fotográficos colecionados pelo pai acerca da Revolução dos Cravos, Ana diz: “estava tudo mais do que visto, revisto, inútil, ultrapassado” (JORGE, 2014, p. 52). Um dos estímulos à participação da jornalista é a entrega pelo ex-embaixador a ela de um volume de cartas que o diplomata recebera durante o período revolucionário de diferentes grupos sociais. Ao lê-las, Ana é instigada a aceitar a tarefa.

O romance traz significativos desafios. Um deles é a problematização da memória, do esquecimento e da história, demarcado pelas lembranças.<sup>3</sup> Notam-se, a partir dos depoimentos das personagens, aspectos que vão da efusão alegre, manifesta num sublime contentamento, passando pela desolação e pelo desgosto, chegando à crítica, assinalada pelo tom irônico.

Outro desafio é a escolha da Revolução dos Cravos como tema, uma vez que se trata de um assunto exaustivo no decorrer dos estudos portugueses. Igualmente as relações interpessoais mobilizam parte da narrativa, examinando os temores de Ana e sua complicada relação com seus familiares, bem como são

---

<sup>1</sup> Passagens da guerra são recordadas por Ana no decorrer da narrativa. Uma, em especial, é recorrente. É o momento em que dois homens, um motorista e um tradutor, no auxílio ao trabalho jornalístico, são atacados pelos rebeldes da região. Um deles é decapitado. Ana carrega consigo a lembrança da imagem violenta, servindo-se dela para minimizar os problemas do cotidiano. “O que acontecia ao meu pai era semelhante em intensidade ao desgosto que eu havia trazido comigo dos caminhos que conduziam a Wadi Al-Salam, quando assistira ao massacre dos rapazes que nos acompanhavam, e corpo de um deles tinha caminhado em frente, na direção do carro, e eu pensei que era na minha direção. Só o corpo, o resto tinha ficado na areia” (JORGE, 2014, p. 208)

<sup>2</sup> Talvez a opção pelo trabalho jornalístico pela personagem em um território belicoso da guerra (Oriente Médio) possa ser examinada como um mecanismo inconsciente de transferência e deslocamento em que uma pulsão de morte subverte os instintos de vida. Ao mesmo tempo, nota-se o significado do pai na escolha profissional de Ana.

<sup>3</sup> No dizer de Beatriz Sarlo (2007, p. 9), “o passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstrução que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade)”.

destacados os comportamentos distintos dos dois colegas de universidade em vista dos encontros com o passado testemunhado. As avaliações do tempo presente também ocorrem quando certa juventude atual desconhece a História do seu país, presa às pressões da conjuntura política e econômica de hoje.

A representação da identidade nacional portuguesa é mais uma das preocupações. Associada, ainda, a um país dividido entre o passado arcaico e um presente tecnológico, tal temática é exemplificada numa crônica de António Machado. Para o jornalista, Portugal era “uma aldeia medieval com televisão e carros” (JORGE, 2014, p. 314). Junto a tais questões, imperam os estigmas da memória na perspectiva examinada por Paul Ricoeur (2007) quando o filósofo discorre-os em três níveis: a memória impedida, a memória manipulada e a memória obrigada. É sob esse último aspecto que o filósofo francês alerta:

O que falta é o elemento imperativo que não está expressamente presente na noção de trabalho: trabalho de memória, trabalho de luto. O que ainda falta é o duplo aspecto do dever, como que se impondo de fora ao desejo e exercendo uma coerção sentida subjetivamente como obrigação. Onde esses dois traços se encontram reunidos senão na ideia de justiça. Desta forma, é a justiça que, ao extrair das lembranças traumatizantes seu valor exemplar, transforma a memória em projeto; e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo (RICOEUR, 2007, p. 100).

Embora a Revolução dos Cravos como fonte tenha recebido atenção exaustiva, Lídia Jorge parece sugerir às gerações de hoje o quanto a memória histórica pode ser atropelada pela passagem do tempo. Como escreve Régine Robin,

O passado não é livre. Nenhuma sociedade o deixa à mercê da própria sorte. Ele é regido, preservado, explicado, contado, comemorado ou odiado. Quer seja celebrado ou odiado. Permanece uma questão fundamental do presente (ROBIN, 2016, p. 16).

É possível afirmar que o passado tende a ser esquecido. Nessa direção, os riscos são enormes, podendo ampliar lacunas que ocasionam a negação dos fatos. O receio advém do desaparecimento dos testemunhos, isto é, com a morte dos que vivenciaram os acontecimentos, resta o recurso a outras provas documentais.<sup>4</sup> Nesse sentido, a personagem Bronze, apelido dado a um dos entrevistados, afirma: “a minha memória é uma das mais fiéis que eu conheço. Mas costumo dizer que não duro para sempre. Ouçam-me antes que seja tarde. Pois o tempo passa, o tempo passa, meus amigos” (JORGE, 2014, p. 93).

Também a equiparação dos acontecimentos, abolindo sua hierarquia, criminalizando os sonhos e anseios dos protagonistas do passado quando observados em novos contextos, traz outra questão

<sup>4</sup> Para Jeanne Marie Gagnebin (2006, 57), é preciso uma ampliação do conceito de testemunha, esta não seria apenas aquele que “viu com seus próprios olhos, a testemunha direta”. Seria igualmente aquele que “não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento a história do outro”. Para Gagnebin, somente a “retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente”.

significativa. O temor diante de uma visão presente que empurra para a vala comum da história a luta política empreendida com tanto vigor e entusiasmo. Um abatimento ou suspeita recai sobre aqueles que, no passado, almejavam um mundo diferente, lutando contra o autoritarismo e o sistema econômico que, hoje, se questionam sobre a validade de tal disposição e combate. Tal preocupação está presente no depoimento de Ernesto Salamina. No relato, traz a lembrança de um sonho de derrota em meio ao calor dos acontecimentos:

Sem saber como, achei-me deitado na cama sem ter atravessado a porta, achei-me jovem, morto, despedaçado na Guerra de África, morto e bem morto, e enterrado muito longe, sem ter filho nem filha, era quase analfabeto, só tinha, lá muito longe, uma leira à minha espera, e a minha mãe, ainda uma mulher jovem, quase tão jovem quanto eu, toda vestida de preto, pendia sobre minha fotografia colocada à entrada, entre santos e flores de papel, e aí eu pensei que a minha morte em África não tinha servido para nada, a morte de todos os que haviam apodrecido na prisão não tinha servido para nada, nada de nada (JORGE, 2014, p. 180-181).

Em seu estudo *A memória saturada*, Régine Robin (2016), ao recordar episódios familiares, chama a atenção para os sentimentos de descrença de um tio que passara a vida a acreditar e a lutar pela revolução e que, ao fim da vida, se perguntara sobre a validade de tal militância. Robin escreve: “eu tive muita dificuldade para encontrar as palavras necessárias para que meu tio Mosche não afundasse numa total desesperança” (ROBIN, 2016, p. 16). A seguir, pergunta: “Não, ele não tinha lutado por nada; mas como lhe garantir, e como transmitir às gerações futuras, a dimensão de seu militantismo obscuro?” (ROBIN, 2016, p. 16). E conclui, questionando:

Porque esses militantes, como meu tio, não merecem desaparecer de nossas memórias. Eles se dedicaram de corpo e alma à causa dos desafortunados, dos condenados da terra, dos operários explorados e miseráveis, dos desempregados atingidos pelas crises econômicas e sociais, particularmente a de 1929. Eles deram tudo na esperança da revolução salvadora. Quantos deles foram jogados no fundo do calabouço no auge da vida, por regimes tirânicos e autoritários, por ditaduras fascistas sangrentas ou simplesmente por nossas boas e velhas democracias votando aqui e ali leis de exceção? Quantos foram fuzilados, mutilados, marcados para sempre, isso para não falar do destino ainda mais trágico daqueles que foram as primeiras vítimas de Stálin, quando seu único crime era levar a sério o socialismo, acreditar na vitória da revolução, exercer seu espírito crítico, empreender iniciativas corajosas, queres mudar o mundo? Vidas esmagadas, sacrificadas, mas vidas com um horizonte, um ideal. Tio Mosche, penso em você! (ROBIN, 2014, p. 16-17)

O valor do engajamento como um aspecto a ser reconhecido através das lembranças efetuadas pelos membros que atuaram na Revolução dos Cravos emociona a personagem Margarida Lota. Manifestações de encantamento são reproduzidas pela moça que se declara decepcionada com sua própria geração. “Para ela, nós, os da sua geração, não passamos de um bando de castrados sem sonhos” (JORGE, 2014, p. 310) Margarida Lota “não compreendia como podia ter vivido vinte e nove anos sem saber que

aqueles homens existiam, e agora tinha a sensação de que alguma coisa acontecia tarde” (JORGE, 2014, p. 223). A personagem, frente a isso, sente um profundo incômodo.

A descoberta e o reconhecimento da importância da história da revolução e de seus principais atores passam a fazer parte da personagem. Ana descreve o percurso de Margarida desde o momento em que a amiga acolhera o convite da jornalista, buscando informações em periódicos, refazendo o trajeto dos militares do 25 de Abril pelas ruas de Lisboa.

Ainda um mês atrás, falando-lhe a partir dos escritórios do 2020 MStreet, a minha colega não tinha sido capaz de estabelecer a diferença entre revolta, sublevação, pronunciamento, mas o fato é que depois de ter passado quinze dias no interior da hemeroteca, entre páginas impressas sob a tinta da revolução, de tal forma havia familiarizado com a linguagem dos tumultos que parecia ter nascido para os interpretar ou mesmo viver no seu meio. Nos últimos dias, inspirada pela relação concreta que havia descoberto entre os movimentos ao longo daquela noite e determinadas vias da cidade, tinha se posto a caminho dos locais mencionados, vagueara pela Ribeira das Naus e pela Rua do Arsenal, colocara os pés onde os militares trinta anos antes haviam dado passadas decisivas com armas apontadas à testa, reconstituindo os périplos por onde eles se tinham cruzado, entendido, subtendido, avançado entre expectativas e silêncios, com granadas ao alcance da mão, decididos fazer tudo explodir o que lhe barrasse o caminho, se fosse necessário (JORGE, 2014, p. 88).

Ana continua a descrever o entusiasmo da colega Margarida Lota que fora atrás dos lugares de memória, admirando-se dos que possibilitaram a liberdade ao país ao combaterem uma longa e repressiva ditadura.

Munida de cópias de primeiras páginas de jornais, deambulando pelos locais exactos, a minha antiga colega de faculdade dizia por vezes se tinha emocionado, pois alguns dos intérpretes que identificara por fotografia, quando essa lide acontecera, eram mais jovens do que nós, mais pobres do que nós, menos livres e menos instruídos do que nós (JORGE, 2014, p. 88).

Em contrapartida, Miguel Ângelo observa, com suspeita, a maior parte dos testemunhos, mostrando-se cético quanto à importância daquelas memórias que não valeria, pois, em poucos anos, a tendência era de que estariam esquecidas. O grupo de jornalistas organiza as entrevistas a partir da formulação de quatro questões: “*Onde estavam? O que sentiram na altura? Que balanço fazem agora, passados trinta anos da Revolução? Qual a melhor imagem que guardam de tudo o que aconteceu?*” (JORGE, 2014, p. 68). Miguel Ângelo sugere ainda uma quinta: “*E você mesmo, quanto ganhou com isto?*”, demonstrando, subliminarmente, seu ceticismo em torno das ações dos militares.

Munidos de tais questões, combinam os encontros e passam a executá-los. A cada entrevista realizada, surpresas, entusiasmo e decepção se somam, ganhando, eventualmente, contornos trágicos e cômicos acompanhados por situações patéticas. Em geral, os entrevistados observam as intenções da Revolução com otimismo, delegando à falta de escrúpulos morais e à traição de princípios, de alguns membros, para o seu descrédito.

## A Revolução dos Cravos revisitada pelas personagens

A personagem Nunes, cozinheiro do *Memories*, é o primeiro a ser procurado. Ainda atua como *chef* de cozinha no restaurante e, como os demais entrevistados, está presente na fotografia tirada por Tião Dolores, fotógrafo profissional. Em relação ao dia 25 de Abril, faz a seguinte declaração:

Posso dizer-lhe que nesse dia eu quase tinha ido amanhecer na Baixa, à procura de umas roupas para o serviço de que estava faltando. Entrava e saía das lojas, ali na Rua Augusta, quando a coluna militar, vinda de baixo, estava a subir na direção do Rossio. Foi um momento sem par. Quando vi a tropa a avançar entre lojas, e soube o que se passava, esqueci-me de tudo, e gritei – Levem-me a mim, pessoal, arranquem-me a cabeça do corpo e façam dela uma bala... Eu estava eufórico, olhei para o arco da Rua Augusta e achei que aquela coluna militar saía diretamente das horas do relógio. A hora deles era a minha hora, como escreveu no dia seguinte o poeta Pontais. Depois andei atrás deles o resto da manhã e toda a tarde até à noite, assisti à descarga sobre a frontaria do Quartel do Carmo, vi a *chaimite*<sup>5</sup> Bula levá-los, e ainda corri atrás. Como os outros, eu gritava de alegria. Lisboa era uma festa pegada, dei por mim em vários locais da cidade ao mesmo tempo, não dava por ter andado, como disse o poeta. À distância, agora, acho que o meu corpo se multiplicava, ou então era ilusão dos meus sentidos. Assim, aquele foi o dia mais feliz da minha vida, juro, nem quando nasceu meu filho (JORGE, 2014, p. 74-75).

A memória da revolução é igualmente recordada pelo oficial de Bronze. Declara sua admiração por uma televisão norte-americana se interessar pelo caso português, quando, diz: “o caso português não interessava a mais ninguém, a começar pelos próprios portugueses” (JORGE, 2014, p. 90). No entanto, ele estava ali para assegurar e manter o que acontecera à Revolução, pois se assumia como um “guardião da memória”. Para surpresa dos entrevistadores, o militar recorda com exatidão as personagens fixadas na fotografia. Sem mostrar-lhe, reconhece e lembra com fidelidade os fatos, as personagens e a data do jantar no *Memories*. Curiosamente, na data da revolução, o oficial não estivera presente. De acordo com o militar,

A verdade é que por um rude golpe do destino, em setenta e quatro, na hora certa, eu encontrava-me no lugar errado. Punido e desterrado. A vida é assim. Coube a outros a honra do ouro e da prata. Merecidamente. Obra do acaso. Sou um homem que lida com os partos da história, e por isso sei muito bem como uma boa parcela do mérito não é feita por nós, é dada pelo acaso. O acaso lá sabe. A história quis-me no terceiro lugar, o meu dever é honrar esse lugar. E aqui estou eu (JORGE, 2014, p. 94).

---

<sup>5</sup> *Chaimite* foi uma viatura blindada ligeira de transporte de tropas com tração 4x4, desenvolvida e fabricada em Portugal. O principal uso da *Chaimite* foi pelo Exército Português que a empregou na Escola Prática de Cavalaria e nas unidades de reconhecimento em operações na Guiné. A sua utilização pela Escola Prática de Cavalaria ficou famosa, sobretudo pela sua participação nas operações do 25 de Abril de 1974. Nesta revolução, foi num veículo *Chaimite* que o Presidente do Conselho Marcello Caetano foi transportado do Quartel do Carmo para o avião que o levaria ao exílio.

Embora ausente no “teatro das operações”, e tendo decorrido tanto tempo, como o militar classificaria o que se passara naquele dia, pergunta Margarida Lota, sempre atenta nas interrogações, segundo Ana Maria Machado. “Classifico-o como obra de um milagre, minha senhora. Repetiu o oficial” (JORGE, 2014, p. 96) Conforme a personagem,

todos aqueles que estavam em linha, mas contra tudo o que era de prever, o alferes desobedeceu e não deu ordem de abrir fogo. Segundo. Uma corveta fundeada no Tejo deveria disparar umas bombardas sobre uma praça, e contrariamente ao que deveria ter acontecido, todas as bocas de fogo se mantiveram inertes. Seja como for milagre. Terceiro. Olhai. Toda uma brigada, instalada no Cristo Rei, estava a ponto de afundar essa corveta que se encontrava na sua mira, e apesar da indefinição do comando do navio, as armas que a vigiavam mantiveram-se caladas. Quarto. Um capitão deu ordem para abrir fogo contra a frontaria de um quartel, e no momento o companheiro que estava no interior do carro não disparou. Naquele preciso momento, em que poderia ter-se iniciado uma carnificina, o oficial não tinha os auscultadores nos ouvidos. Como interpretais isto? (JORGE, 2014, p. 96-97)

O milagre maior ocorreu, de acordo com o oficial, quando aqueles cinco mil soldados, dias após a Revolução, depois da vitória e da aclamação nas ruas, juntos, juram cumprir voltar aos quartéis como figuras anônimas, como simples soldados desconhecidos. Segundo a personagem, todos juraram que dali para frente “extinguir-se-iam as palavras eu, tu, ele, nós, vós, para se usar apenas a terceira pessoa, a abrangente, a colectiva pessoa, *eles*” (JORGE, 2014, p. 98). Margarida Lota repete de maneira efusiva que aquilo fora lindo, lindíssimo. O que o militar diz: “Pois sim, muito lindo, foi extraordinário, só que esse voto de anonimato não durou sequer um mês” (JORGE, 2014, p. 99). Na sequência, diz:

Posso mesmo comprovar documentalmente como três semanas depois da assinatura da renúncia, já o movimento era em sentido contrário, já muitos se tinham esquecido o que haviam jurado, e cada um queria ter uma estátua erguida na porta da casa onde havia nascido e anunciava o propósito aos quatro ventos se não mais. Foi assim, meus amigos (JORGE, 2014, p. 99).

Ao se contrapor aos enredos da história, assinalada pelo domínio e desejos do eu que transforma uma massa humana informe ao anonimato, o militar diz que lutará até o fim para que a memória de todos aqueles cinco mil soldados seja reconhecida. Relata aos jornalistas:

Certa manhã, pus-me diante do espelho, olhei-me bem na minha cara, e jurei a mim próprio que trabalharia até o fim dos meus dias para que a memória de todos e cada um sobrevivesse à passagem do tempo, transformando-os a todos em soldados assinalados e conhecidos (JORGE, 2014, p. 100).

Ao escutar o depoimento, Margarida Lota questiona: “senhor coronel, por favor, explique-nos ainda como se concretiza essa sua tarefa de guardião da memória. Como age, como procede?” (JORGE, 2014, p. 100). Ao que o militar responde:

Explico, pois. Ajo guardando toda a documentação que encontro, não antes a passar a fino crivo a validade. Estão muitos especialistas envolvidos na peritagem porque são muitos elementos em estudo. Memórias, relatos, objetos, fotografias, filmes. Um arsenal de objetos memoráveis. Mas tudo passa pelo filtro da prova e da reposição da verdade. Não se esqueça de que são cinco mil, e aquilo que nuns casos surge de forma evidente, noutros encontra-se disfarçado. Muito trabalho (JORGE, 2014, p. 100-101).

O major Umbela, apelidado assim pela mãe de Ana devido ao conhecimento de latim, é o próximo entrevistado. Um dos elementos em destaque em seu depoimento em relação aos momentos críticos da Revolução foi criar um clima de certeza em meio aos boatos propagados de que as tropas governamentais, auxiliadas pelo governo da Espanha, haviam posto a situação em ordem. Passando convicção aos comandados, o major recorda que afirmara que a Revolução estava encaminhada, evitando que o grupo rebelde caísse em desânimo.

Em relação à participação em Abril de 1974, revela-se modesto, falando que havia gente mais indicada para testemunhar. No entanto, confirma que era verdade, que “se tinha fardado num vão de escada, que havia entrado portas dentro armado com uma simples Walther” (JORGE 2014, p. 139), dizia que “passara a noite apostando numa acção que a muitos parecia ser uma façanha de doentes de manicômio” (JORGE, 2014, p. 139), sentindo “muita honra por ter corrido esse risco, mas ele apenas havia sido um dos oito membros de um comando de oito figuras” (JORGE, 2014, p. 139).

O tempo, todavia, passava e as deturpações iam-se cristalizando na memória como os “ninhos de poeira nos cantos dos armários”, sugere a personagem. Além disso, informa que havia homens que, para “descreverem um acto, usavam duas palavras, outros, para o mesmo acto, utilizavam três mil. Trinta anos haviam passado” (JORGE, 2014, p. 139). Na sequência do depoimento, o major faz um desabafo, examinando que possivelmente a Revolução não passara de uma “breve opereta que fora representada algures, no final do terceiro quartel do século XX e mal começara, assim acabara” (JORGE, 2014, p. 140).

O próximo encontro ocorre na casa do advogado Ernesto Salamina. A entrevista é acompanhada pela mãe da personagem que, a todo instante, intervém, ocasionando certa perplexidade e irritação nos jornalistas. Como observa Ana Machado, “não era a mãe de Ernesto Salamina que vínhamos entrevistar, mas parecia” (JORGE, 2014, p. 173).

Após seu testemunho, de maneira a confundir, Salamina avalia a mudança na qual participara, trinta anos depois, falando que, felizmente, tudo se encontrava em perfeita normalidade. Para a personagem, tudo corre em boa paz, “como em todas as sociedades, quando se passa de tempos manhosos a tempos de bonança” (JORGE, 2014, p. 183). De acordo com Salamina, podia se dizer que, em trinta anos, “a revolução, como é natural, numa primeira fase, deu lugar a devolução. Depois da devolução, como é natural também, passou-se ao período normal da evolução, e da evolução, como é comum em todos os processos semelhantes, passou-se à involução, e daí à denegação, foram apenas uns anos” (JORGE, 2014, p. 183). E conclui com mordacidade:

É aí que estamos, nesta Primavera quente de dois mil e quatro, em que nem sol aparece nem cai do céu uma gota de água. Denegação. Não estamos nada mal. O estado de denegação é

o mais propício à felicidade das gentes. Em denegação, geralmente, a população sente-se reconfortada, pois muitos são os sinais do concerto a unir as pessoas, uma vez aí chegados (JORGE, 2014, p. 183-184).

Na avaliação de Ana Maria Machado, estava evidente que entre aqueles homens que tinham sido entrevistados havia em comum o fato de terem participado de um “momento de exceção para o qual haviam canalizado as melhores energias da sua juventude, e corrido riscos tão sérios quanto aparatosos, momento pelo qual se haviam enamorado e transformado num caso de paixão” (JORGE, 2014, p. 188). Na percepção da jornalista, como gerenciar tal momento romântico no decorrer de suas vidas, frente ao encontro à banalidade dos dias onde a paixão era um estorvo, o idealismo um vício? Tal questão implicava o desencadear de cenas votadas à perda e à desilusão.

O próximo entrevistado, El Campeador,<sup>6</sup> defende-se das mentiras que cercam a revolução. A entrevista é feita numa praia onde a personagem está a ensaiar um filme para um programa da *BBC* de Londres cujo assunto é o período da Revolução. É preciso dizer “as palavras certas sobre o que se passou para que o povo possa salvar o que deve” (JORGE, 2014, p. 218), arremata a personagem. Segundo a mesma, “o povo tem de saber que, se a mentira passar sobre nós, o povo ficará mais frágil porque ficará sem o exemplo dos seus defensores, e um povo sem defensores não passa de um rebanho de gado de lã branca, abandonado à mercê dos lobos” (JORGE, 2014, p. 218). Anuncia ressalvas: “eu sou aquele que por vezes se deita, mas nunca adormece. Estou sempre vigilante, sempre alerta, sempre pronto para reiniciar o que for preciso” (JORGE, 2014, p. 221). El Campeador despede-se do grupo quando Margarida diz ter mais uma questão, interrompendo a saída da personagem. A jornalista, então, questiona: “Como vê o seu papel no futuro? Acha que o país ainda irá precisar de si? Ainda se considera imprescindível?” (JORGE, 2014, p. 221). El Campeador declara:

Imprescindível! Claro que serei sempre imprescindível. Eu sou como Dom Rodrigo Diaz de Vivar, aquele cujo cadáver atado sobre a montada, com a espada amarrada à mão morta, quando enviado para o campo da liça, continuava a amedrontar qualquer um. Eu vou ser como esse. O meu corpo será um cadáver e ainda há-de ganhar batalhas. E mais não vou dizer que é extremamente difícil ter ao mesmo tempo, no corpo do mesmo animal, um cavalo valente e um cavalo domado (JORGE, 2014, p. 221-222).

Os depoimentos seguintes são da viúva de Charlie 8 e o casal de poetas Francisco e Ingrid Pontais. A primeira procura restituir as imagens da Revolução a partir do que ouvira do marido. Inicialmente, ela nega-se a participar do trabalho proposto. Por insistência de Margarida Lota, fala dos momentos dramáticos que antecedem o movimento dos capitães de Abril, mas igualmente expõe os instantes em que resultam numa imensa alegria. “Foi muito lindo, dizia ele” (JORGE, 2014, p. 244), confessa a esposa de Charlie 8 que concordara com o marido ao dizer que fora tão lindo que se tornou difícil sobreviver àquele momento. Sou testemunha, diz a esposa do marido falecido.

<sup>6</sup> O nome remete à figura histórica e lendária de *El Cid, el Campeador*.

Quem uma vez faz rodar as agulhas sobre um tal mostrador, em seguida, passa a conviver mal com a batida regular das horas. Difícil sobreviver aos dias, meses, anos, que vem depois, quando o bater das horas já se transformou em rotina. Por isso que ele dizia que não se deve repetir por demais que foi lindo, porque se pode tornar ridículo de morte junto de quem já nasceu a ouvir bater as horas do relógio com regularidade (JORGE, 2014, p. 244).

Charlie 8 dizia, segundo a esposa, que “tinha sido lindo para nós, que tínhamos o relógio parado” (JORGE, 2014, p. 244), apesar disso, aqueles que vieram depois, “esses, dizia, não precisavam de saber que uns tantos se dispuseram a dar a vida para fazer andar o relógio do Arco” (JORGE, 2014, p. 244). O marido costumava dizer que “não devemos encher a cabeça daqueles que vieram depois com a invocação daquele dia. Que feliz mesmo seria o dia em que todos pudessem esquecer que eles foram necessários, e até que existiram. O meu marido era assim, desprendido. Um herói da retirada, o meu marido” (JORGE, 2014, p. 244).

Os depoimentos do casal de poetas ignoram o ambiente eufórico, afirmando que a melhor imagem guardada daquele dia era sobre eles mesmos. Para Ingrid, fora belo o encontro dos dois que não se conheciam até aquela ocasião. Decepcionado com as ações dos militares, Pontais credita aos fotógrafos como os únicos que registraram, com dignidade, a Revolução. Segundo o poeta, “os fotógrafos foram os grandes combatentes desse dia” (JORGE, 2014, p. 281). De resto, conclui, “foi tudo muito triste”. Para Pontais, nos dias seguintes, “o povo de Lisboa deu umas boas gargalhadas, ficou consolado de riso, e foi à sua vida, não tinha fome nem sede de justiça. Depois, veio o louvor às acções pacíficas, choviam argumentos de paz de todos os lados” (JORGE, 2014, p. 282). De acordo com o poeta, “estava tudo dito, a revolução tinha acabado antes de o capitão ter dado aqueles brados de rendição no Largo do Carmo” (JORGE, 2014, p. 282). Ao final, Pontais assinala: “foi uma história de cobardia. Um dizia atira, o outro dizia, atira tu primeiro, e ninguém atirou. Não houve pronunciamento, não houve golpe de Estado, não houve revolução alguma”. E conclui: “É tudo mentira” (JORGE, 2014, p. 282).

No retorno a Lisboa, Miguel Ângelo acusa o casal de poetas de farsantes e narcisistas. Refugiam-se num espaço em que predomina a diversão, transformado num requintado exercício de troça. Miguel sentia-se como se os mesmos o tivessem amarrado, maltratado, esquartejado como ser cívico e o que percebeu, nos chamados de memoráveis, era a prova que tinha havido tanto há trinta anos como agora uma luta inacabada. Segundo Miguel, o casal,

Aqueles que tínhamos deixado na vivendo das trepadeiras, haviam-se refugiados num território de inversão, alimentando a ilusão de que viviam nas imediações de Tebas, e quando lhes apetecia, bastava erguerem-se sobre as muralhas para, a partir do alto, enviarem recados à humanidade inteira. Com que direito? (JORGE, 2014, p. 296)

Miguel interroga os posicionamentos de Pontais que havia se manifestado a favor de uma purga nas ruas de Lisboa, no entanto, tinha-se refugiado em casa a “escrever poemas de revolta contra a passividade dos outros” (JORGE, 2014, p. 296).

## Conclusão

Os rastros da Revolução e as relações interpessoais que se entrecruzam no decorrer da narrativa respondem acerca daquilo que Paul Ricoeur (2007) chama de os usos e abusos da memória, presentes no livro *A memória, a história, o esquecimento*. No capítulo em que discute tal questão, o filósofo francês discorre sobre três níveis de memória: a impedida, a manipulada e a obrigada. Percebe-se que as três concepções acerca da memória são objetos de reflexão no romance de Lídia Jorge. A memória obrigada vincula-se ao dever de memória, uma exigência para com o acontecimento revolucionário que devolveu a democracia ao país. Tal é a dívida que se tem com tal passado e, portanto, não pode ser esquecida. Aqui a lembrança da luta travada liga-se à importância da democracia como valor fundamental na constituição da cidadania. Essa é a herança que deve ser preservada. De outro modo, da revolução emergem feridas e manipulações, traumas e interesses, ameaçando os valores da justiça social, manifestos na igualdade e na fraternidade, como operadores centrais.

Conforme escreve Freud, em *Luto e melancolia*, o ponto de partida é a perda. Esta que conduz o sujeito a um superinvestimento na representação do objeto perdido, numa tentativa de mantê-lo aceso. Duas linhas de ação decorrem dessa situação. A primeira seria a realização do luto, “presumido como diretamente acessível, pelo menos num primeiro momento” (RICOEUR, 2007, p. 85). A segunda linha, consequência do fracasso da primeira, seria a impossibilidade de abandono do investimento no objeto perdido, levando o sujeito à melancolia. Em um ambiente revolucionário tal questão recai inicialmente para aqueles que perdem com as mudanças proporcionadas pela revolução, levando-os a um estado de luto e melancolia. Passado o período, aqueles que observam os desvios da revolução, são, agora, os que caem no desencanto, gerando igualmente um sentimento melancólico.

Segundo Freud (1988), o abandono de uma posição libidinal não se constitui em tarefa fácil, nem mesmo quando da já apresentação de um substituto. É necessário grande dispêndio de tempo e energia catexial,<sup>7</sup> prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. No caso do romance, o objeto perdido é a revolução. Os testemunhos são um dos exercícios empregados para a elaboração do luto revolucionário. Neste caso, quando da conclusão do trabalho de luto, o sujeito fica livre e desimpedido, portanto superando o objeto em que esteve ligado durante muito tempo. Os entrevistados fazem o luto da revolução. Nos depoimentos, o que se nota são perspectivas distintas que servem para absorver o impacto da perda, isto é, dos propósitos revolucionários que foram solapados por pressões de interesses distintos.

Ao final do romance, tem-se, como último capítulo, o roteiro organizado e escrito por Ana Maria Machado, intitulado *Argumento*. Nele, trechos e imagens gravadas pela câmera de Miguel Ângelo são selecionados e editados pela jornalista. Na seleção, Ana deixa inúmeras informações de fora que o futuro expectador não conhecerá. O documentário obedece à lógica do tempo indicado pela emissora que, impondo um roteiro enxuto, restringe as múltiplas visões extraídas do acontecimento.

---

<sup>7</sup> De acordo com Freud, catexia é o processo por meio do qual a energia libidinal contida na psique é relacionada ou aplicada na representação mental de um indivíduo, coisa ou ideia.

Neste caso, a segunda parte do romance, *Viagem ao coração das fábulas*, traz informações e situações peculiares que não constam no filme, fazendo com que haja uma perda significativa da realidade da Revolução, minimizando sua complexidade. O romance, diferente dos resultados alcançados pelo vídeo, parece traduzir de maneira mais enriquecedora ao expor as dificuldades e os diferentes sentimentos e razões que mobilizaram os atores da revolução. Perante novas formas culturais dominantes empenhadas em reproduzir o nosso tempo em que a velocidade passa a ser um dos paradigmas, o romance de Lídia Jorge se faz presente ao questionar tal predomínio.

Dessa forma, aponta-se a ideia de que o romance que o leitor tem em mãos, traz, em si, maior poder de reflexão, observando de maneira polifônica a memória histórica. A narrativa da revolução é entrevista a partir de uma linguagem imagética que ilumina a história e a memória, refletindo sobre os riscos do esquecimento. *Os memoráveis*, além de mostrar a importância de tal fato histórico para as futuras gerações, preserva a complexidade das relações entre as três categorias, recorrendo ao passado de maneira singular. Esse é um dos propósitos do romance.

## Referências

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud; v. 14)

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

JORGE, Lídia. *Os memoráveis*. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas; SP: Unicamp, 2007.

ROBIN, Régine. *A memória saturada*. SP: Campinas: Unicamp, 2016.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG, 2007.

Recebido em 11 de novembro de 2025.

Aprovado em 31 de janeiro de 2026.

## Resumo/Abstract

### A Revolução dos Cravos revisitada em *Os memoráveis*, de Lídia Jorge

José Fornos

O presente ensaio examina o romance *Os memoráveis*, de Lídia Jorge (2014), enfatizando, no decorrer da diegese, os testemunhos das personagens referentes a um acontecimento central na vida nacional portuguesa: a Revolução dos Cravos. O propósito do texto é considerar tais depoimentos como fontes

significativas para uma reflexão das relações entre memória, história e esquecimento, tal como expõe Paul Ricoeur em seu estudo acerca de tais categorias. Nessa perspectiva, as passagens extraídas do romance alcançam uma qualidade exemplar no questionamento acerca do resgate do passado, pois expressam a complexidade e os riscos em torno dos usos e abusos da memória.

**Palavras-chave:** Lídia Jorge, Revolução dos Cravos, romance português, memória, testemunho.

### **The Carnation Revolution revisited in *Os memoráveis*, by Lídia Jorge**

**José Fornos**

This essay examines *Os memoráveis* (The Outstanding), a novel by Lídia Jorge (2014), based on the testimonies of the characters throughout the narrative as to a central event in Portuguese national life: the Carnation Revolution. The text is aimed at considering the testimonies as significant sources for a reflection on the relationships between memory, history, and forgetting, as considered by Paul Ricoeur in his study about such categories. In this perspective, the excerpts from the novel reach an exemplary quality in questioning the recovery of the past, as they express the complexity and risks surrounding the uses and abuses of memory.

**Keywords:** Lídia Jorge, Carnation Revolution, Portuguese novel, memory, testimony.